

PASSA

Está querendo fazer sol, está querendo chover. Durante uns dois minutos as duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Agora, nem uma, nem outra. As nuvens atrapalham de um lado, o vento de outro. Vai ver que a culpa é do Congresso. O rapaziinho voltou da escola com um comêço de bigode e a voz grossa, o que envelheceu o triste pai; êste porém se consola vendo que o moço está seguindo a mais pura tradição de seus ancestrais: foi reprovado em matemática. Braga após Braga, geração após geração, há de sempre honestamente tropeçar na sua álgebra e enrêdar as linhas de sua geometria; mas não serão êsses, ó mancebo de ôlho ingênuo e limpo, os piores enredos e tropicões de tua existência. Ela, sus, sempre avante!

Passa um cego com um cavaquinho. Desatendendo a tôdas as minhas objurgatórias, os operários continuam a construir um edificio do outro lado da rua. São loucos mansos: trabalham penosamente para fazer casa para os outros, e tirar o sol matinal da minha. A culpa será do Congresso? O senhor Fiuzza diz que não há água; o remédio é, portanto, tomar uisque com soda. Quanto ao banho, eu e meu colega Ali Khan não temos problema: costumamos banhar nossas amadas em champanha pela madrugada. As más línguas murmuram contra nós; chegam a dizer que estamos usando champanha gaúcha.

O presidente pela segunda vez comemorou com um ato solene a solução definitiva do problema do petróleo; da outra vez foi mais bonito, porque foi pelo rádio, numa passagem de ano, e naquele tempo não havia Congresso para atrapalhar. Mas quando é mesmo o dia do aniversário do Discurso do Rio Amazonas? Eis uma das mais lindas festas nacionais, caída em esquecimento.

De um modo ou de outro, com a minha longa experiência, tenho a impressão de que no fim do corrente mês de dezembro o ano passa. Há quem diga que não, que o Congresso vai sabotar, e só teremos 1952 lá para julho ou agosto. Mas neste ponto, ao menos, eu confio em Vargas.

9/12/51 R. B.